

A CONSTRUÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DAS RENDEIRAS DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE MONTEIRO (ASSOAM): ENTRE O AMOR E A SOBREVIVÊNCIA PELA RENDA RENASCENÇA¹

Ingrid Farias Fechine²

RESUMO

Esta pesquisa buscou conhecer a cultura e identidade das rendeiras da renda renascença do município de Monteiro-PB a partir da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM). Através da ASSOAM mantêm-se a auto-estima dessas mulheres pelo trabalho, reconhecendo os motivos para suas vidas, como o amor pelo ofício, a luta pela sobrevivência e o conhecimento garantido pela experiência. Além disto, o comércio local é impulsionado. Culturalmente essas mulheres são fortalecidas por seu saber. As rendeiras da renda renascença de Monteiro são sujeitos transformadores através de sua arte, firmados na valorização de saberes, nas relações humanas e na consideração do que foi vivido. A renda renascença, para suas criadoras, é mais que simplesmente um produto, mas uma arte cada vez mais consolidada em suas vidas.

Palavras-Chave: Rendeiras – Cultura – Identidade.

INTRODUÇÃO

Vislumbramos nas rendeiras da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM) essa mistura de luta de classe pela construção identitária e cultural que se transforma por uma educação forjada na solidariedade e uma batalha pela sobrevivência coletiva. Essas mulheres são representantes de uma cultura que as leva a lutar por seus direitos de artesãs e pela sobrevivência em torno de sua arte e de seu saber. As rendeiras da ASSOAM são atuantes naquela busca da conscientização e libertação, que para Freire (2001b) não era apenas uma incansável luta pela inclusão, mas uma luta para a reflexão e o diálogo entre o ser humano, como sujeito capaz de superar mitos, de descobrir o seu interior e de praticar e solidificar na história sua força e experiência de vida.

Estudar as rendeiras do município de Monteiro em torno de uma associação é ter oportunidade de percorrer caminhos, até então, não enfatizados nas pesquisas acadêmicas. Ressaltar essa temática é colaborar para o conhecimento da cultura nordestina, nessa relação entre amor e necessidade, trabalho e realização, valor do ofício e o reconhecimento da arte na família. Assim, em torno da criação de pontos da renda renascença, mantêm-se a tradição ressaltada pelas construções de saberes, por meio de uma educação não formal, inscrita envolto da memória, da tradição e do processo de desenvolvimento identitário dessas mulheres através de uma associação.

¹ Este texto sobre as rendeiras da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM) é fruto de um estudo maior com base nos saberes das rendeiras da renda renascença desenvolvido na minha dissertação de mestrado, “Brasões’ de saberes populares: memória das rendeiras do Cariri Paraibano”, orientada pela professora Dra. Maria Claurênia Abreu de A. Silveira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFPB, Especialista em Comunicação Educacional e Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. (ingridfechine@yahoo.com.br).

A pesquisa se delineou pelo método etnográfico, pela pesquisa de campo, com entrevistas semi-estruturadas junto aos sujeitos a serem observados, na perspectiva de compreender como a rendeira participa de sua cultura e constrói sua memória e identidade. Esses instrumentos de ordem técnica foram aplicados a um universo determinado, constituído das rendeiras do município de Monteiro participantes da ASSOAM. Um processo que permitiu 14 horas de entrevistas e mais de 200 fotos, ressaltando as rendeiras, a casa onde funciona a ASSOAM, os desenhos a serem tecidos pelas rendeiras, além de roupas e utensílios domésticos feitos de renda.

Enfatizamos assim, a arte da renda renascença e suas perspectivas comerciais/sociais e a presença de uma associação que impulsiona o comércio local, enquanto se vive com dificuldades econômicas da região e das rendeiras, em particular.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE MONTEIRO (ASSOAM): RELAÇÕES SOCIAIS E COMERCIAIS DAS RENDEIRAS

Me apaixonei e [...] eu acredito que elas (rendeiras da ASSOAM), por mais que algumas digam que só trabalham porque precisam, mas eu acho que elas também são apaixonadas pela arte delas. E cada vez mais elas vão se apaixonar, quando alguém vem e diz assim: ‘ São lindas (as peças de renda renascença)!’[...] (MARLENE³).

A renda renascença é uma arte construída ao longo do tempo através da tradição familiar, processo que reúne relações sociais e familiares, num encontro do saber e experiência. “Da arte da renda um dos aspectos mais significativos é a variedade de nomes com que são denominados os seus vários tipos. Às vezes são nomes mais ou menos regionais; outras vezes são nomes locais expressando a criatividade da rendeira” (DIÉGUES JÚNIOR, 1981, p.12).

Segundo Diégues Júnior (1981), a origem do artesanato de renda no Brasil, apesar de não ser facilmente identificado nas literaturas, acredita-se ter sido trazido de Portugal. Ressalta o autor, que o aparecimento da renda no Brasil está vinculado à vinda de mulheres da ilha da Madeira em Portugal, que aliadas a seus esposos (dedicados à pesca), se instalaram na região litorânea. Assim, “do litoral nordestino, onde [...] apareceram as primeiras rendeiras, a arte da renda espalhou-se para o interior”⁴, região onde a renda renascença vai predominar, juntamente com as atividades agrárias. Enfatiza-se então, os exemplos de rendeiras em diversas localidades do Brasil:

De um modo geral, as rendeiras são pessoas de baixo nível econômico e social. No litoral, são mulheres de pescadores que com suas rendas ajudam o sustento familiar [...] As rendeiras, que, em geral, são esposas de agricultores ou, elas mesmas, agricultoras, cuidando ainda da terra, trabalham em rendas para conseguir mais

³ O nome verdadeiro desta rendeira, bem como as informações aqui apresentadas devem-se a permissão da entrevistada, a qual teve todo esclarecimento sobre o conteúdo e objetivo deste trabalho. Marlene foi uma das rendeiras entrevistadas. Ela é Presidente da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM) e Coordenadora da Casa das Rendeiras localizada no município de Monteiro-PB.

⁴ Ibidem, p.13.

recursos para a respectiva manutenção, ajudando nas despesas familiares (DIÉGUES JÚNIOR, 1981, p.14).

Fazer renda, já era tida como uma atividade de subsistência e familiar. Apresenta Maia (1980, p.103), a partir de seus estudos que “[...] foram as casas de famílias e os colégios de religiosas o marco inicial, difusor da renda de agulha em nosso País”.

Assim, como mostra Diéguas Júnior (1981, p. 12), “se em algumas partes do Brasil a arte da renda já não tem o esplendor e até mesmo o prestígio de outrora, continua a gozar de admiração pelo que representa como expressão de criatividade e de trabalho artesanal”, verificação que justifica a continuidade do trabalho da renda no Brasil.

Hoje, seja através da indústria ou lojas que vendem rendas, a questão financeira das rendeiras torna-se lastimável em relação à valorização dada a todo cuidado e dedicação com cada peça confeccionada e criada.

Na Paraíba, são vários os incentivos ao estímulo e à facilitação da produção de renda renascença e sua comercialização através de associações. Segundo o Programa Paraibano de Tecnologias Apropriadas/Secretaria da Indústria, Comércio, Turismo, Ciência e Tecnologia (apud PARA’IWA, 2003a), destacam-se na Paraíba algumas associações que produzem a renda renascença: Associação das Artesãs de Camalaú, com 12 associadas; Associação das Artesãs de São João do Tigre, com 24 associadas; Associação das Produtoras de Arte de Zabelê, com 31 associadas; Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha, com 28 associadas.

Por outro lado, as rendeiras da renda renascença na região do Cariri Paraibano habitam:

[...] em casas sem estrutura sanitária, vivem sem direito e sem acesso às políticas públicas de atendimento básico ao cidadão. É um contingente populacional com o mínimo de amparo das instituições governamentais e agregam em si um raro conhecimento de tradição cultural internacional (PARA’IWA, 2003d).

De acordo com Maia (1980, p.86), “a posição social da rendeira varia de uma região a outra ou numa mesma localidade, conforme o tipo de renda. Este ‘status’ está também em relação com o padrão econômico da família e em função do volume de venda da artesã”.

Atualmente, o Cariri Paraibano comporta as seguintes associações que desenvolvem a renda renascença: Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM); Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú (ASCAMP); Associação das Produtoras de Arte de Zabelê (APAZ); Associação dos Artesãos de São João do Tigre (ASSOARTI); Associação de Desenvolvimento dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro (ADEART).

Segundo a ONG Para’iwa - Coletivo de Assessoria e Documentação (2003c), “[...] o Cariri paraibano abriga em cinco municípios: Monteiro, Camalaú, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê, uma população ativa de mais de 4.000 mil mulheres [...]”, que sobrevivem da renda renascença.

Monteiro é o centro dos outros municípios que produzem renda renascença, considerado o seu pólo da produção por ter melhor localização e pela facilidade de informações, de transporte, de entrega de mercadoria. Nesse sentido, focalizamos nossa pesquisa em Monteiro, especificamente as rendeiras da ASSOAM, devido ao destaque de suas criações, sua organização, sua centralização. Mulheres que têm na sua cultura a arte da renda renascença como um modo de vida, pelo amor e sobrevivência.

Segundo o Estatuto da Associação dos Artesãos de Monteiro (Cap.I, art.4, 2001), a ASSOAM objetiva estimular os seus associados no que tange ao fator econômico, à valorização das produções artesanais, impulsionando uma construção cultural e identitária da região através do fortalecimento da técnica do artesanato, uma “educação profissional” solidificada em torno de atividades que promovam a formação de seus artesãos, favorecendo sua sustentabilidade, bem como a busca por financiamento para que possam realizar seus projetos.

Em Monteiro há mais de 200 rendeiras. Boa parte da renda feita pelas mulheres que trabalham em Monteiro para atravessadores é levada para Poção/PE e para o Mercado de Artesanato de João Pessoa/PB.

Enquanto isso, as rendeiras da ASSOAM fazem trabalhos diretamente para feiras de artesanato⁵ ocorrida em todo país, vendendo a turistas, a lojistas, bem como tendo oportunidades de divulgação da ASSOAM e de negócios relevantes. Essas negociações da associação acontecem a partir do momento em que segue uma amostra do trabalho de suas rendeiras para o local e no caso de ser aceito o negócio será fechado. Para apresentar nas Feiras, a rendeira faz a peça e a associação vai expor esse trabalho, o lucro é destinado uma parte para a associação, outra para quem vende e o restante fica para a artesã.

A ASSOAM é uma associação cuja ênfase está na valorização e ajuda a todo ramo do artesanato. No entanto, de acordo com o depoimento de sua presidente, não mais que 50 rendeiras localizadas nas zonas urbana e rural são cadastradas.

A ASSOAM surgiu a partir de um projeto⁶ da ONG Para’iwa que inicialmente necessitou de fazer um censo para saber quantas rendeiras existiam no município de Monteiro e foi nessa hora que Marlene entrou em ação e em quatro meses ela caminhou rua a rua a procura das rendeiras. Após o censo, foi identificado que havia uma grande quantidade de rendeiras. A associação foi iniciada por sete rendeiras que, no entanto, não puderam colocá-la em prática, já que não tinham condições de fundá-la com sete pessoas. Então, segundo Marlene, foram se engajando essas mulheres formando um grupo composto por onze rendeiras, criando a

⁵ Segundo Marlene, o apoio para a participação da ASSOAM nessas feiras vem do Governo da Paraíba, do Centro de Apoio à Criança e ao Adolescente (CENDAC) através do Programa de Artesanato do Estado da Paraíba e do SEBRAE/PB, que juntos compram os stands para exposição das rendas e fornecem o transporte para as viagens.

⁶ O projeto Rendas do Cariri é uma iniciativa da ONG Para’iwa que tem como objetivo a retomada do artesanato da renda renascença através do reconhecimento e da produção desta arte no Estado da Paraíba, promovendo o aprimoramento da habilidade técnica de suas artesãs através de cursos, bem como da busca por saídas no que tange o comércio desta atividade artesanal (PARA’IWA, 1999). Este projeto funciona na Casa das Rendeiras, onde por enquanto está sendo utilizada como ponto de reuniões das rendeiras da ASSOAM. O projeto Rendas do Cariri conta com a parceria do SEBRAE/PB e da UFPB/PRAC/COEX. (PARA’IWA, 2003b).

ASSOAM em 2001, dentro da Casa das Rendeiras, que já existia. A partir dessas mulheres lutadoras, outras rendeiras foram sendo convidadas, chegando a um grupo de 14 mulheres.

No entanto, os atravessadores não deixam de existir em Monteiro e sem o apoio da ASSOAM, por não serem associadas, muitas rendeiras se submetem a esses intermediários, vendendo ou trocando suas peças por alimentos ou mesmo por um valor irrisório diante do trabalho artístico do fazer renda renascença. Nesse aspecto, a falta de recursos financeiros por parte das rendeiras é razão suficiente para que essas artesãs fiquem submissas aos atravessadores, por necessidade de vender sua renda. Para Marlene, essa submissão por parte de muitas rendeiras ocorre pelo seguinte motivo:

Porque elas (rendeiras de Monteiro) não tão vendo ainda o desenvolvimento, elas não acreditam ainda que vai dar certo [...] Porque a gente exige. E elas (rendeiras que trabalham para atravessadores) fazem de qualquer jeito, entendeu? Nós (rendeiras da ASSOAM) temos um padrão, temos capacitação, temos pessoas capacitadas⁷, pra trabalhar de acordo com que o cliente quer e elas não, elas trabalham de qualquer jeito. [...] Elas sempre dizem: ‘- Não! Não vou pra associação não, porque lá é muito exigente. A menina é muito exigente!’ Então, tem que exigir mesmo! [...] O produto bom, de qualidade é que dá certo [...].

A qualidade da renda para essas rendeiras é o que as diferencia de outras comunidades que se dedicam à mesma atividade. Uma qualidade que parte da organização, da estrutura e do cuidado no feito.

A rendeira reconhece seu saber valorizado, através da venda de suas peças, uma ação estimulada a partir da associação, diminuindo a ação dos atravessadores. Apesar de tudo, as rendeiras ainda não possuem condições de ter rendas em casa, já que a necessidade as obriga a vender todas as rendas, como mostra o depoimento desta rendeira:

É muito difícil uma rendeira ter assim, um paninho de renascença em casa. Tem não! Num tem não! [...] Trabalha pra ganhar, né? Aí, se a gente imagina assim, se fazer uma rendinha ou um paninho daquele ou uma passadeira pra usar, aí num dá não, pra eu usar um pano daquele não! (risos).

Seria justo que as rendeiras possuíssem peças em casa. No entanto, é importante destacar que as rendeiras não têm direitos nem a sua própria arte, pois a condição financeira precária em que vivem não permite a elas possuírem peças, nem mesmo para uso pessoal.

A venda de uma peça da renda renascença é sempre um desafio, dado a dificuldade de conseguir preços justos para sua produção, como também pessoas confiáveis no que se refere à negociação. Por outro lado, o amor pelo fazer renda em muitas vezes atrelado a uma tradição artística familiar, faz com que as rendeiras continuem realizando este trabalho artesanal. Atenta-se assim, para os fatores socioeconômicos dessas artesãs, ressaltando-se o prejuízo sofrido por elas na negociação com atravessadores, como forma de exploração.

⁷ Segundo a presidente da ASSOAM, em Monteiro há 50 rendeiras capacitadas, em Zabelê há 35 rendeiras, em São João do Tigre, 100, em Camalaú são 100 e em São Sebastião do Umbuzeiro há 60 rendeiras que participaram de cursos de capacitação.

A história da renda desde sua origem sempre foi marcada por desvantagens financeiras nessas negociações com as camadas mais ricas e privilegiadas da comunidade, ou mesmo por intermediários que visam apenas o maior lucro, desconsiderando o trabalho das artesãs.

De acordo com Marlene, a dificuldade de ser rendeira está em elas assumirem a renda como o seu próprio negócio, o que as afastam da parte comercial, pois nas negociações não há garantia nem de preço, nem de venda. Um dos motivos de desânimo no fazer renda gira em torno da falta de valorização nas feiras livres de renda⁸ ou mesmo na comercialização com os atravessadores.

Com a consolidação da ASSOAM, a situação mudou para as rendeiras. A venda das peças de renda renasceu nas feiras de artesanato por todo o país, traz para as rendeiras uma melhoria que não se limita ao lucro pelo novelo de linha tecido, mas à exportação de suas peças. Assim, uma parte do que é vendido vai para a rendeira e outra é para a associação. A rendeira associada entrega toda produção para a ASSOAM para ser vendida junto com a das outras artesãs.

Segundo a sua presidente, o preço de uma peça é estipulado primeiramente pelos custos, verificando a quantidade de matéria-prima, levando em conta o valor da mão de obra. No entanto, o valor que as rendeiras esperam ganhar geralmente não é alcançado, como mostram os depoimentos:

[...] Tem uma colega minha que aprendeu comigo, disse que tá com duas toalhas prontas, mas tão guardadas porque diz que ninguém quer comprar pelo preço que ela pede, aí tão guardada [...] Aí eu digo: ‘- Minha filha, mas a gente na associação, eu acho que a gente arrumava. Era melhor pra gente porque a união faz a força! E a gente na associação... quem sabe se depois a gente não encontrava quem comprasse a renda da gente...?!’ Ela disse: ‘- É, mas eu num vou não! Eu num vou tentar não!’ Eu digo: ‘- Pois é, mas eu vou!’ [...].

[...] Hoje, eu comecei a trabalhar pras rendeiras. Tá bem. Com uns quatro anos que eu trabalho pra lá. Aí, elas pagam mais, porque por aqui num tem quem pague do preço que elas pagam na Casa das Rendeiras! Aí, quando eu tô trabalhando, que eu tenho tempo, eu trabalho pra lá sempre, continuado. Aí, eu sempre pego num dinheirinho!” (ri).

Para as rendeiras da ASSOAM, o maior problema enfrentado é a falta de recursos financeiros, o qual acarreta duas ações: a primeira em torno do receio de entregar uma encomenda e não receber; e, a segunda é de estipular preços e não conseguir pagar as artesãs.

Como mostra Maia (1980), o apoio e os financiamentos aplicados ao artesanato de renda ainda se mostram insuficientes diante das problemáticas econômicas e do contexto social em que estão inseridas as rendeiras. Por esta análise, segundo a autora⁹, “pareceu-nos ser o problema capital, a falta de apoio oficial, para financiamento às cooperativas e associações de artesãos, de forma compatível com a realidade que enfrentam, já que os bancos oficiais

⁸ As feiras livres nordestinas de rendas mais conhecidas são as de Poção e Pesqueira, no estado de Pernambuco.

⁹ Ibidem, p.92.

adotam, um sistema inacessível a essas organizações”. Esta realidade até hoje persiste, embora esteja sendo modificada aos poucos como vivenciam as rendeiras através dos apoios e objetivos já alcançados, como é o caso da construção do Centro de Produção e Comercialização – Rendas da Paraíba – Associação dos Artesãos de Monteiro¹⁰.

No entanto, ressaltamos que as rendeiras de Monteiro estão conscientes de que ainda há muito a se conquistar para terem melhores condições de vida pessoal e profissional, faltando para tanto, segundo depoimentos, entre outras realizações: de projetos bem estruturados, preparados para alicerçar e impulsionar a atividade artesanal, bem como uma maior participação coletiva dos artesãos dentro de sua comunidade através dos movimentos de associações.

Algumas mulheres em Monteiro ainda se submetem aos atravessadores, mas aos poucos essa característica deixa de ser fato na cidade. Essa questão se afirma por estarem as rendeiras não mais aceitando a exploração de não receber o pagamento no momento da entrega da peça para o/a atravessador/a, bem como a existência da ASSOAM, que dá às artesãs a garantia de receber o dinheiro, tendo a segurança do trabalho coletivo e cooperativo.

A *cultura do silêncio* (FREIRE, 2001a) é percebida na hora de comercializar a renda, no momento em que sentem a distância entre quem vende e quem compra, a tristeza por falta de valorização de sua arte. É nesse momento que as rendeiras sentem o quanto são oprimidas economicamente, o quanto são marginalizadas politicamente e o quanto a discriminação social existe para com o artesanato.

Mesmo assim, elas não param e têm consciência do seu valor como artesãs. O orgulho do saber-fazer a renda renascença é visível na alegria do falar dessas rendeiras. É nessa hora que elas são libertas de seus mitos, angústias e tristezas, superando a chamada *educação bancária* (FREIRE, 2001b) aquela que apreende as idéias, a comunicação e a consciência de seus valores, saberes e competências, desenvolvendo a chamada “educação popular”, construída a partir da organização coletiva, da cumplicidade da luta pela vida e dos saberes compartilhados.

A ASSOAM é para essas mulheres rendeiras uma esperança, um apoio para fugir dos atravessadores e do baixo preço das peças nas feiras de rendas, uma confiança que vai da questão financeira ao reconhecimento do seu trabalho que para as rendeiras é sempre bem vindo e considerado rendoso. Nesse sentido, as rendeiras se valorizam e reconhecem o valor do trabalho com a renda renascença, uma atividade que passa por gerações e que se auto-afirma na força comunitária dessas mulheres.

RENDEIRAS DA RENDA RENASCENÇA: CONSOLIDANDO IDENTIDADES

¹⁰ O Centro de Produção e Comercialização – Rendas da Paraíba – Associação dos Artesãos de Monteiro foi inaugurado no dia 13 de janeiro de 2005, contando em seu ambiente, com duas lojas: uma só com a renda renascença e a outra que comporta todo artesanato produzido em Monteiro.

Quanto mais somos capazes de desvelar a razão de ser de por que somos como estamos sendo, tanto mais nos é possível alcançar também a razão de ser da realidade em que estamos, superando assim a compreensão ingênua que dela possamos ter (FREIRE, 2001a, p.103).

O trabalho com a renda renascença, a entrada na Casa das Rendeiras, bem como a formação da associação, trouxeram muitos ensinamentos às rendeiras, como novos pontos que foram conhecidos e criados. Hoje, o processo de produção conjunta da renda em Monteiro se expressa na figura da ASSOAM.

A ASSOAM foi então sendo formada, integrando suas rendeiras, transformando sua comunidade através dos esforços de quem a preside e participa. Reconhecemos nestas mulheres as identidades de *resistência* e de *projeto*, teoria defendida por Castells (1999). De projeto porque, segundo o autor¹¹, “[...] a identidade de projeto, produz sujeitos [...]”. Assim, Castells (1999, p.24) destaca que, “[...] identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, [...], transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação”. Por esta análise, as rendeiras na ASSOAM participam de uma *identidade de resistência* a partir da confiança da valorização de seu ofício, da reação à comercialização injusta e à industrialização da renda, deixando que prevaleça a tradição artística da renda renascença. Por outro lado, formam uma *identidade de projeto* quando assumem uma posição de coletividade alicerçada pela união nas produções para a construção do conhecimento de novos pontos.

Nesse sentido, a rendeira constrói sua identidade e sua memória a partir de sua arte. Uma arte que se faz expressão de sua cultura em torno das relações sociais e educativas (aprendizagem) as quais vivenciam, que as fazem sentir-se mais valorizadas pelo trabalho da renda. O comércio da renda faz diferença nessas questões, dado que a sobrevivência é um fator determinante no que tange à vida profissional dessas mulheres. Nesse sentido, percebe-se o quanto o meio cultural vivido pela mulher rendeira contribui para a formação de sua identidade, ou melhor, de suas identidades (resistência e projeto).

As identidades dessas mulheres perpassam pelo reconhecimento de ser artesã e pela sua representação do saber. Nos depoimentos prestados pelas rendeiras percebemos a busca pelo “eu” e a realização coletiva. Num pensamento em conjunto com pessoas que precisam de oportunidades e de continuar a sonhar através das conquistas na vida.

A identidade para as rendeiras de Monteiro é forjada na cultura da renda renascença, na força da tradição, na construção de saberes e nas relações dos atores sociais em torno de uma educação não formal.

Mulheres que entre a sobrevivência e o amor dedicado à renda criam novos pontos, tecendo memória e vida. Um exercício que muitas vezes passa de geração em geração, relacionando: tradição e criação, aprendizagem e memória, passado e presente, significados de vida diante da (re)construção de seus conhecimentos. A renda traz para as rendeiras um sentido de vida

¹¹ Ibidem, p.26, grifos do autor.

diferente, como mostra este depoimento da presidente da ASSOAM:

A maioria sempre fala, por exemplo, têm algumas (rendeiras) que estão passeando, ou vão pra associação, aí encontra um grupo de pessoas ou uma pessoa, e diz assim: ‘- Ela é uma rendeira! Ela sabe fazer renda!’ Aquilo dá um animo nela, pra ela se fortalecer e se orgulhar que é uma rendeira. Então: ‘- Ela trabalha muito bem, parabéns!’ Elas ficam super felizes com esses elogios.

A ASSOAM atua como referência para as rendeiras de Monteiro tanto no que tange à questão financeira como à auto-estima. Até nos problemas entre marido e mulher, muitas vezes a renda renascença faz parte dessas discussões. E é na associação que as rendeiras se encontram, como profissionais, artesãs e mulheres, numa luta constante entre o amar e o sobreviver, lutando para ter valor como rendeira na família e na sociedade. Na associação elas se unem em vida e em arte.

Eu sou a psicóloga da turma (ri). Imagina! Qualquer uma que tem problema, elas (rendeiras) correm primeiro lá, vêm conversar comigo, me chama no particular [...] E elas também são minhas psicólogas! Que quando eu estou com problemas também, elas também conversam comigo. Então, a gente fica uma família. (MARLENE).

A importância da ASSOAM vai além dos lucros, pois associa-se ao trabalho em cooperação e ao valor da coletividade na hora do fazer renda renascença. Observa-se assim, o quanto a renda renascença mistura amor e necessidade, fazendo com que muitas rendeiras permaneçam na atividade. Amor, pela expressão artística implícita na renda renascença e a necessidade pelo retorno financeiro que a renda oferece, fazendo com que muitas rendeiras sobrevivam apenas deste trabalho.

“EDUCAÇÃO POPULAR COMUNITÁRIA” NA VIDA DAS MULHERES DA RENDA RENASCENÇA: O SABER DA RENDA E A AÇÃO COLETIVA

Você sozinha, você num faz nada! [...] Eu gosto mais quando eu estou com elas (rendeiras da ASSOAM) porque elas me dão força! Eu corro pra um lado, corro pra outro e elas sempre ali, lutando junto comigo, aí eu me sinto mais fortalecida com o grupo. (MARLENE).

A frase acima, mostra a capacidade e a necessidade do ser humano viver em uma união cooperativa, na busca por vencer as batalhas da vida, da liberdade, do direito de poder construir sua história, uma prática que deve ser travada, como já nos falou Freire (2001b, p.56) num mútuo engajamento e numa conscientização entre os sujeitos, que “ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descubrem como seus refazedores permanentes”.

O processo educativo em torno do saber-fazer renda é construído pelo conjunto de habilidades individuais e espírito coletivo, numa mistura de observação e o praticar, da assimilação e criação, onde a multiplicidade das idéias transmitidas ou não se transformam em arte inventiva.

Podemos perceber o quanto a educação informal é concretizada na vida das rendeiras do Cariri Paraibano, especificamente as radicadas no município de Monteiro, as quais são

sujeitos desta pesquisa. Elas passam um sentimento de que tudo que foi aprendido veio da vida cotidiana, com o trabalho, cuja escola é a renda renascença.

A família e as amigas sempre estão presentes no ensino/aprendizagem da renda e de geração em geração vão transmitindo os saberes, saber este que pela observação se chega ao aprendido, como mostra o depoimento desta rendeira:

Comecei olhando minha mãe fazendo, aí ela foi me ensinando, eu aprendi pouca coisa, aí também parei, depois que eu vim pra aqui (ASSOAM), aí eu tô aprendendo mais.

A informalidade deste ensino descreve a trajetória dessas mulheres. É nessa busca do conhecimento delas que a escola construída ao longo da vida ganha espaço, seja através da relação professora e aprendiz da renda ou no aprender através da observação. Aqui se tem uma amostra de como o cotidiano influi e contribui na formação humana, de como a vida oferece espaço para que o saber seja desvendado, numa relação do conteúdo e da prática, onde a educação é baseada na vivência e na socialização. Essa perspectiva, idealizada por Paulo Freire (2004, p.42, grifos do autor), vem à tona no sonho de uma relação mais cooperativa entre professor-aluno, ressaltando que “a aprendizagem da *assunção* do sujeito é incompatível com o *treinamento pragmático* ou com o *elitismo autoritário* do que se pensam donos da verdade e do *saber articulado*”. Assim, a partir do pensamento freireano, acreditamos que a educação passa a ser sinônimo de realização humana, a qual é transformadora de realidades, manifestada pelo espírito coletivo em pleno movimento.

A luta dessas mulheres não está apenas em aprender e sentir o amor pela renda, mas uma questão de patrimônio coletivo. Assim, a renda renascença é uma arte, é a própria vida dessas rendeiras. Enquanto isso, elas afirmam que o gostar da renascença vai além do aprender, está intrínseco no íntimo de cada artesã, está na força para continuar a sua luta diária, mesmo quando não há estímulo financeiro. Elas aprendem na vida o que não aprendem na escola, aquela educação não formal, do povo, do cotidiano e da sobrevivência, como ressalta este depoimento:

Eu acredito sim, que a vida ensina a você se manter, fixa dentro de você, de você se rebolar, tentar enfrentar a própria vida (MARLENE).

Vislumbramos assim, uma educação não formal, numa pequena amostra do valor da observação, da vontade, da prática e da experiência, informação esta que sem a memória dessas mulheres não conseguiríamos conhecer.

De acordo com as informantes, o ensino da renda renascença é um fator de grande importância em suas vidas, a renda é uma mistura de sobrevivência e do gosto pelo ofício:

A gente que nunca estudou, que num tem um bom emprego, né? O que a gente sabe fazer só é a renda. Se a gente fizer a renda, a gente tem, sempre tem aquele dinheirinho ali pra comer e se num fizer, num tem nada, num tem emprego, num tem nada, de jeito nenhum. Aí eu acho que a renda é importante por isso, porque a gente

diz: ‘-Que bem, que eu ainda sei fazer ao menos o renascimento¹²!’ Num dá pra gente comer muito, mas dá pra se remediar, né? É melhor de que nada! Eu acho que é isso. É, porque é um emprego que a gente tem aqui é a renda. [...] Aí chega em casa: ‘- Ói, quanto eu ganhei, tá vendo? Porque eu sei trabalhar na renda! Se eu num soubesse num tinha ganhado nada!’ (ri)

Nesse depoimento de uma das rendeiras, entendemos o quanto a renda renascença é essencial no cotidiano dessas mulheres, o quanto a renda se faz viva e presente na luta pelo “pão de cada dia”, na ajuda familiar, na auto-estima e principalmente na identidade da rendeira. Uma identidade que parte de múltiplas faces femininas de um todo singular construído de memória, luta pela vida, valor pelo ofício e consciência de seu próprio saber.

O fazer renda inicia logo cedo, quando o interesse “bate na porta” da futura rendeira. Um processo que nasce da observação, da curiosidade, do amor, da vontade e do desafio, uma educação não formal que de geração em geração vai observando, vendo todo aquele processo que une amor e a luta por sobreviver.

O papel da ASSOAM no ensino da renda renascença está interligado ao aperfeiçoamento deste artesanato através dos cursos de capacitação ministrados por Marlene.

Esse reconhecimento dos saberes é pensamento amadurecido na ASSOAM, que na atualidade é referência de ensino para as rendeiras, por se destacar na ampliação dos pontos da renda renascença que são criados pelas próprias rendeiras da associação. Esse processo que se afirma na própria vida, cujo sentido de educação vai além de conceitos pré-estabelecidos, mas consolidada num:

[...] processo de transformações na convivência [...] [que] consiste em criar um espaço de convivência, [...] e nessa transformação vão aprender a viver como vivem nesse espaço de convivência [...] onde acontece a educação? Em todas as partes: na rua, no colégio, em casa, na comunidade a que se pertence (MATURANA, 1993, p.64).

Nesse viés, afirmamos que as rendeiras vivem uma “educação popular comunitária”, em um sentido informal do que seja educar, seja na transmissão e construção de seus saberes através das gerações, seja na força da coletividade em cooperação, que as impulsionam a continuar a desenvolver a sua arte e (re)construir suas vidas. Assim:

A educação popular comunitária, trabalhando com a categoria “produção” (associada à categoria “conscientização + organização”) busca formas de aprender produzindo, levando em conta a realidade das populações marginalizadas, excluídas do próprio modo de produção dominante. Como observa Francisco Gutierrez, as classes populares têm que se educar enquanto lutam para sobreviver (GADOTTI, 1995, p.151).

De forma a contribuir com o fortalecimento comunitário que valorize e se concentre no ser

¹² É comum ouvir as rendeiras chamar “renascimento” a renda renascença.

coletivo é que a educação informal das rendeiras torna-se exemplo de uma educação de pura expressão singular, artística, cooperativa e consciente, identificada como educação comunitária, pois traz a idéia de que “em síntese, cada um se educa na proporção da educação do grupo. Conceber uma proposta diferente é repetir o equívoco da escola formal. Nesta, pretende-se uma cultura adquirida, naquela, uma cultura vivida” (CARNEIRO, 1985, p.54).

Nessa direção, a ação de aprender pelas experiências cotidianas é um exercício vivido pelas rendeiras, expressa pela busca do saber-fazer renda renascença, como uma questão de necessidade financeira e amor pela arte. Assim, esse saber-fazer renda é direito adquirido a partir do direito à busca do conhecimento pelas rendeiras de Monteiro.

CONCLUSÃO

As rendeiras de Monteiro participam do processo de identificação de sua cultura, transformando sua realidade através de suas criações. Um movimento que a rendeira une o amor ao trabalho e a renda renascença vai fazer parte da sua história pessoal e familiar, numa mistura de valor econômico e renascimento da auto-estima em torno desta arte.

Através da renda renascença, as rendeiras afastam-se da marginalização social, enquanto a força identitária de ser mulher, rendeira e criadora, transforma-as em guias de suas vidas, orientadas pela luta comunitária, pelo amor e pela experiência de vida.

O meio vivido pelas rendeiras de Monteiro ainda está engatinhando na busca de melhorias, mas com certeza são grandes passos para a transformação rumo a uma sociedade mais justa e igual. A sociedade ainda está reconhecendo o seu valor, através de empreendimentos que visam à divulgação e comercialização da renda.

Essa vida cotidiana, hoje, vislumbrada na ASSOAM, faz com que essas mulheres interajam, lutem pelo bem comum e respeitem os saberes singulares. A associação foi uma conquista das rendeiras, unidas por identidades construídas na experiência particular, ao mesmo tempo, que organizada numa força coletiva de saberes compartilhados.

Numa peça de renda renascença podemos encontrar a cultura caririense, representada pelas formas dos desenhos; a identidade das rendeiras, através da união dos vários saberes repletos das múltiplas vivências; a educação comunitária, de um saber que é passado de geração em geração; o saber singular e coletivo de suas artesãs; e a memória coletiva em torno do que ali está implícito: amor e necessidade.

Podemos dizer que o meio vivido pela rendeira fortalece sua identidade como artesã, que através da associação, são promovidos momentos de companheirismo, descontração e informação. Uma organização de classe, que nada mais é que uma união de conhecimentos, experiências e necessidades. E nesse processo, o ensino da renda une competências particulares e cooperação entre o grupo, onde se forma a comunidade de rendeiras, representada pela associação. Uma ação que dá vida mais uma vez a uma reflexão freireana que diz “os heróis são exatamente os que ontem buscavam a união para a libertação e não os que, com o seu poder, pretendiam dividir para reinar” (FREIRE, 2001b, p.144). Essas

mulheres são assim, heroínas na batalha pelo sentido que traz a conquista coletiva, construída por sonhos, lutas, arte e realizações.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Moaci Alves. **Educação Comunitária: faces e formas**. Petrópolis: Vozes; [Belo Horizonte]: CENAEC, 1985.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2)

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Introdução**. In: MAIA, Isa. Artesanato brasileiro: rendas. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte. Instituto Nacional do Folclore, 1981, p.09-20.

Estatuto da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM). Objetivos da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM) – Capítulo I, “Artigo 4º: São os objetivos da ASSOAM”, 2000.

FECHINE, Ingrid Farias. **Brasões de saberes populares: memória das rendeiras do Cariri Paraibano**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001a. (Coleção O Mundo, Hoje, v.10)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001b.

GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, escola projetada**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

MAIA, Isa. **O artesanato da renda no Brasil**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1980.

MATURANA, Humberto. As bases biológicas do aprendizado. **Revista Dois Pontos** – Teoria e Prática em Educação. Anais do II Congresso Qualidade em Educação. Vol.2, n.16, Primavera – 93, p.64-70.

PARA’IWA – **Coletivo de Assessoria e Documentação**. Artesanato Paraibano - Cidadão Artesão. Disponível em: < <http://www.paraiwa.org.br/artesanato/artcida.htm> > Acesso em: 20 nov. 2003a.

PARA’IWA **Projeto Rendas do Cariri**. João Pessoa, 1999.

PARA’IWA **Projetos - Projeto Rendas do Cariri**. Disponível em: < <http://www.paraiwa.org.br/projetos/rendasdocariri.htm> > Acesso em: 20 nov. 2003b.

PARA’IWA **Rendas do Cariri** - Cariri Paraibano. Disponível em: < <http://www.paraiwa.org.br/rendas/> >. Acesso em: 10 nov. 2003c.

PARA’IWA **Rendas do Cariri** - Situação das Artesãs. Disponível em: < <http://www.paraiwa.org.br/rendas/> >. Acesso em: 10 nov. 2003d.